

**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## Quintal nos Bairros: A produção colaborativa de lugar em Goiânia<sup>1</sup>

Wagner de Souza Rezende  
PPG PROCIDADE / UFG

Lucas Carilli Brito Ferreira  
Curso de Arquitetura e Urbanismo / FAV / UFG

### Sessão Temática 09: ATHIS e Extensão Universitária em PUR: relatos de experiência.

*Resumo. Este artigo é o relato de um processo de projeto colaborativo, desdobramento de uma parceria iniciada em 2020 entre moradores de bairros da periferia de Goiânia e a Universidade Federal de Goiás. Após alguns meses de diálogo a demanda do projeto de uma praça foi apresentada ao Coletivo Experimental do Habitar Político. Também conhecido pela comunidade acadêmica como "Quintal", esse coletivo é formado por alunos e professores com experiência nos diálogos sobre habitação de interesse social (HIS) em diversas comunidades da periferia de Goiânia. Essa iniciativa demonstra a união de forças dos moradores da região para enfrentamento à condição precária de habitabilidade que o bairro apresenta, que pode ser comprovada pela ausência de equipamentos urbanos nas áreas da saúde, segurança, educação e lazer. Partimos da premissa de que o projeto é um instrumento de transformação do território, que, mediado por processos de criação coletiva e colaboração técnica, demandam estratégias específicas para promover inovação social. Nesse sentido, a ação local "Quintal nos Bairros" foi mais que uma experiência colaborativa de projeto na periferia de Goiânia. Além da troca de saberes, práticas e experiências entre profissionais, estudantes e moradores dos bairros Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires, localizados na região Norte de Goiânia, promoveu a reflexão sobre a produção de comuns urbanos na forma de lugares compartilhados.*

*Palavras-chave. ATHIS; projeto colaborativo; espaços públicos; periferias urbanas; Goiânia.*

### Quintal nos Bairros: the collaborative production of place in Goiânia

**Abstract.** *This article is the report of a collaborative project process, unfolding a partnership initiated in 2020 between residents of neighborhoods on the outskirts of Goiânia and the Federal University of Goiás. After a few months of dialogue, the demand for the design of a square was presented to the Experimental Collective of Political Habitat. Also known by the academic community as "Quintal", this collective is formed by students and teachers with experience in dialogues on housing of social interest (HIS) in several communities on the outskirts of Goiânia. This initiative demonstrates the union of forces of the residents of the region to face the precarious condition of habitability that the neighborhood presents, which can be proven by the absence of urban equipment in the areas of health, safety, education and leisure. We start from the premise that the project is an instrument of transformation of the territory, which, mediated by processes of collective creation and technical collaboration, require specific strategies to promote social innovation. In this sense, the local action "Quintal nos Bairros" was more than a collaborative project experience in the outskirts of Goiânia. In addition to the exchange of knowledge, practices and experiences between professionals, students and residents of the neighborhoods Orlando de Moraes and Antônio Carlos Pires, located in the Northern region of Goiânia, promoted the reflection on the production of urban commons in the form of shared places.*

*Keywords: ATHIS; collaborative design; public spaces; urban periphery; Goiânia.*

<sup>1</sup> Este artigo resulta de projeto de extensão financiado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás por meio do Edital CAU ATHIS 2021.

## Quintal nos Bairros: la producción colaborativa de lugar en Goiânia

**Resumen.** Este artículo es el informe de un proceso de proyecto colaborativo, que desarrolla una asociación iniciada en 2020 entre residentes de barrios en las afueras de Goiânia y la Universidad Federal de Goiás. Después de unos meses de diálogo, la demanda del diseño de una plaza fue presentada al Colectivo Experimental de Habitar Político. También conocido por la comunidad académica como "Quintal", este colectivo está formado por estudiantes y profesores con experiencia en diálogos sobre vivienda de interés social (HIS) en varias comunidades en las afueras de Goiânia. Esta iniciativa demuestra la unión de fuerzas de los vecinos de la región para hacer frente a la precaria condición de habitabilidad que presenta el barrio, lo que se puede comprobar por la ausencia de equipamiento urbano en las áreas de salud, seguridad, educación y ocio. Partimos de la premisa de que el proyecto es un instrumento de transformación del territorio, que, mediado por procesos de creación colectiva y colaboración técnica, requieren estrategias específicas para promover la innovación social. En este sentido, la acción local "Quintal nos Bairros" fue más que una experiencia de proyecto colaborativo en las afueras de Goiânia. Además del intercambio de conocimientos, prácticas y experiencias entre profesionales, estudiantes y residentes de los barrios Orlando de Moraes y Antônio Carlos Pires, ubicados en la región norte de Goiânia, promovió la reflexión sobre la producción de bienes comunes urbanos en forma de lugares compartidos.

*Palabras clave:* ATHIS; proyecto colaborativo; espacios públicos; periferias urbanas; Goiânia.

### 1. Introdução

Desde 2017, o Coletivo Experimental do Habitar Político - Quintal, visa promover estudos aprofundados sobre as questões que tangem o habitar, em sua complexidade entre espaço/sujeito/sociedade, fomentando discussões e norteando as produções e indagações relacionadas ao tema de arquitetura e urbanismo no campo prático e político. Discutindo dialeticamente sobre teoria e prática de projeto, o Quintal tem desempenhado atividades de assessoria técnica a famílias de baixa renda, comunidade interna à UFG, instituições e órgãos públicos, associações e organizações sem fins lucrativos.

A iniciativa conduzida no âmbito institucional busca, através das práticas extensionistas amparadas pela Lei de Assistência técnica 11.888 de 2008, desenvolver alternativas para o acesso ao direito à moradia digna através de reflexões críticas coletivas com grupos socialmente vulneráveis sobre a problemática habitacional, as relações de trabalho e técnicas construtivas possíveis a partir da coletividade. A proposta também contribui para a formação de alunos de cursos afins (como arquitetura e urbanismo, design de ambientes, engenharia, sociologia e outros), aproximando a teoria à prática, ampliando o campo profissional, por meio do debate político.

Até 2021, o Coletivo Experimental do Habitar Político - QUIN-TAL, era formado por sete estudantes de graduação e um professor de Arquitetura e Urbanismo, todos da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Entendendo a interdisciplinaridade como inerente à prática extensionista popular, o grupo articula parceria com outros alunos, professores, profissionais técnicos-administrativos e membros externos à universidade, conforme demanda e especificidades dos projetos conduzidos. Para este projeto nos bairros Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires, o Coletivo Quintal trabalhou em colaboração com alunos, alunas e professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Artes Visuais.

O objetivo deste projeto foi duplo: primeiramente, pensar coletivamente, junto com a comunidade local, o projeto de uma praça pública para o Bairro Antônio Carlos Pires, com o foco em um espaço para atividades e recreação infantil. Simultaneamente, fomentar trocas de experiências, saberes e conhecimento, resultando em alternativas para o desenvolvimento local por meio de projetos urbanos.

Desse modo, o projeto foi o desdobramento de uma parceria entre a Associação de Moradores dos Residenciais Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires, e a Faculdade de Artes Visuais, iniciada em março de 2019, através do Projeto de Extensão intitulado Equipamentos de Proteção Individual (EPI-UFG), no qual costureiras trabalharam voluntariamente para a produção de

máscaras faciais que foram entregues às unidades de referência no combate à pandemia do Coronavírus. A demanda por espaços públicos de convivência e lazer apresentada inicialmente pela associação dos bairros ao Coletivo Experimental do Habitar Político - Quintal demonstra a união de forças dos moradores da região como resposta à condição precária de habitabilidade que o bairro apresenta, que pode ser comprovada pela ausência total de infraestrutura urbana para suporte à realização das vidas das famílias.

## 2. Origens e transformações dos bairros

Os Residenciais Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires foram criados através do Decreto Nº 1451, de 16 de junho de 2008, em área correspondente à Zona Especial de Interesse Social - III instituída no Plano Diretor Municipal de Goiânia (Lei Complementar nº 171, de 29 de maio de 2007). A área foi desmembrada das Fazendas Samambaia e Pindorama, localizadas na Zona de Expansão Urbana da cidade de Goiânia. Foi parcelado um total de 1781 lotes (com área mínima de 200 m<sup>2</sup>) que somam 473.652,84 m<sup>2</sup>, representando 54,179% de toda a área proposta para o parcelamento.



**Figura 1.** Diagrama de localização dos bairros Antônio Carlos Pires e Orlando de Moraes, na cidade de Goiânia. O retângulo na cor laranja no recorte ampliado da imagem é a localização da área destinada a construção de uma praça pública (fonte: elaborada pelos autores).

Marcello Soldan (2015) afirma, em sua pesquisa sobre as periferias e centralidades, que parte da ocupação do Residencial Orlando de Moraes foi o resultado de uma relocação de famílias que moravam em regiões de vulnerabilidade ambiental da Área de Proteção Ambiental do Córrego Pedreira, localizado na Região Norte de Goiânia.

Implantados segundo uma lógica de segregação socioespacial que há décadas tem sido determinante na atual configuração da expansão urbana na direção da Região Norte de Goiânia, os dois bairros estiveram, por muito tempo, desconectados de outras áreas urbanas. Localizados no limite do urbano e do rural, da cidade e do campo, entre a capital e o município de Santo Antônio de Goiás, esse território periférico carece de várias infraestruturas básicas que precisam ser buscadas em outros bairros da cidade.

Distante aproximadamente 15 km do Centro de Goiânia, localizado na Região Norte, às margens da Rodovia GO-462, os bairros formam um tecido urbano desconectado da malha urbana preexistente e com acesso limitado a outros bairros da cidade. A implementação do bairro reproduziu uma lógica de expansão urbana que se dirige continuamente até as bordas da cidade. Implantado no espaço intersticial, não urbanizado, entre o bairro Itatiaia, vizinho ao Campus II da Universidade Federal de Goiás, e o município de Santo Antônio de Goiás, o relativo isolamento desses bairros resulta na escassez de várias infraestruturas básicas para a realização da vida, que precisam ser efetivamente supridas em outros bairros da cidade.

Apesar de implantados recentemente, os bairros se caracterizam por uma configuração urbana fragmentada, que reflete as estratégias evidentes no processo de parcelamento, no qual aproximadamente 2/3 dos lotes foram comercializados pela iniciativa privada, e 1/3, isto é, 479 lotes, foram destinados à prefeitura para a implementação de moradia de interesse social somente no Bairro Orlando de Moraes. Essa proposta de bairro, ao mesmo tempo que se constitui uma possibilidade de inclusão social, promovem fragmentações territoriais que resultam na desarticulação política dos moradores na luta pelo acesso às políticas públicas para a saúde, educação e segurança, principalmente. Atualmente os bairros possuem uma configuração urbana morfológica fragmentada em regiões e com um conjunto edilício heterogêneo, estas distinções evidenciam o processo de parcelamento dos bairros, em que aproximadamente 2/3 dos lotes foram comercializados pela iniciativa privada, e 1/3, isto é, 479 lotes, foram destinados à prefeitura para a implementação de moradia de interesse social no Residencial Orlando de Moraes. Esta configuração urbana, se por um lado torna-se potente possibilidade de mescla social, por um outro lado e em igual intensidade, promovem fragmentações sócio territoriais internas ao bairro e que se manifesta por uma desarticulação política do bairro na luta pelos direitos à cidade.

Ainda em 2020, com a ocupação dos bairros já bem avançada, somando já mais de uma década desde o processo de regulamentação, parcelamento e início de ocupação, ainda se torna necessária a busca de vias alternativas à da gestão pública municipal para assegurar ações e equipamentos que configuram a noção do habitar para além de um teto. Um desses direitos que ainda não é assegurado no bairro é a existência de um espaço público e de qualidade para lazer e recreação das crianças, e é nesse contexto que a Associação de Moradores do bairro busca o QUINTAL em 2020.

A atuação do Quintal, junto aos demais atores envolvidos nesta proposta, visa promover, a partir de uma assessoria técnica participativa, um projeto de praça que seja de interesse público dos moradores, mas que também seja um potente lugar para a realização de práticas extensionistas que seja desempenhado pelo Quintal ou por outras iniciativas universitárias.

### **3. Metodologia**

Recentemente, diversos estudos têm se dedicado no estudo de práticas colaborativas de desenvolvimento sustentável, especialmente planos e projetos estratégicos. Para citar alguns exemplos podemos os estudos de casos apresentados por Suri (2003), Manzini, Walker e Wylant (2008), Del Gaudio (2014), Huybrechts et al (2016) e Rezende (2022). Nesse sentido, Huybrechts et al (2016) apresenta, no contexto das políticas públicas que envolvem processos de projeto, cinco modalidades de ação participativa e defende a sua aplicação no desenvolvimento local, denominados diálogos democráticos. Segundo os autores, trata-se de um quadro conceitual operativo que permitiria aos atores envolvidos a possibilidade de engajamento nos processos de projeto por meio da ação comunicativa.

Em todo caso, o papel efetivo de profissionais de arquitetura e urbanismo nos processos participativos permanece uma incógnita. Sabe-se que vai além de uma atuação instrumental especializada, podendo atuar como catalisadores de transformações que permitam condições ambientais melhores em meio às diversas restrições econômicas, sociais e tecnológicas. Esses profissionais deveriam ser especialistas naquilo que os autores denominam "infraestruturação",

quer dizer, na construção sistemática de relações duráveis de sociabilidade com os diversos atores locais e com os contextos urbanos. No entanto, como lembram Selloni e Manzini (2016), existem diversos tipos de políticas públicas que ignoram a importância de iniciativas de baixo para cima (*bottom-up*), nos processos de planejamento estratégico.

Essa visão teórica das diferentes práxis conectadas aos papéis de arquitetos e urbanistas gerou uma tipologia exploratória preliminar que pretendemos usar no desenvolvimento da nossa experiência no Residencial Orlando de Moraes, localizado na região norte de Goiânia. Partindo das experiências citadas anteriormente, pensando a cidade como processo e articulando ações de inovação social, desenvolvemos uma abordagem conceitual denominada "práxis plural", que foi elaborada no sentido de se pensar ferramentas adequadas às diversas fases de projeto urbano participativo, conforme apresentadas no Quadro 1. Essa abordagem consiste em a) práxis estratégica; b) práxis experimental; c) práxis reflexiva; d) práxis insurgente; e, finalmente, e) práxis expressiva.



Figura 2. Banner elaborado para síntese das etapas do projeto, a fim de representação final das ações. (fonte: imagem elaborada pelos autores).

## 4. Meu Quintal é Minha Casa

### 4.1. Práxis estratégica.

A primeira desenvolvida no Projeto foi a Práxis Estratégica, constituída por reuniões de planejamento, reconhecimento dos bairros Antônio Carlos Pires e Orlando de Moraes, com caminhadas de observação, registros fotográficos e reflexões, assim, foram realizadas caminhadas sem trajetos rígidos, com andar espontâneo, visitas exploratórias e leituras de

percepção nestes bairros, para conhecê-los e compreender comportamentos e rotinas. Áudios foram gravados conforme andava-se estes locais, enquanto se registrava detalhes, observações, fotos, dialogando com moradores e realizando o levantamento de informações técnicas da área de implantação da futura praça pública.

#### 4.2. *Práxis experimental.*

Idealmente, a práxis experimental se constituiria de um festival fotográfico, através do qual seriam selecionados 100 moradores que receberiam kits contendo leituras guias, mapas da área de intervenção, um jogo de montar com elementos da praça e outros artigos. A proposta inicial seria que a distribuição desses kits fosse feita aos fins de semanas. Recolhidos após determinado período, seriam um material de análise e discussão para a idealização inicial da praça, já que através deles teríamos a ideia de “praça dos sonhos” dos moradores dos bairros Antônio Carlos Pires e Orlando de Moraes. Após isso, seria realizada como desdobramento uma devolutiva à comunidade local sobre o processo de desenvolvimento projetual.

Diferentemente do previsto, a práxis experimental se tornou uma atividade independente e complementar ao festival fotográfico. Também, ao invés de um kit, foi idealizado um livreto, que seria distribuído para moradores de diferentes faixas etárias, para assim, catalogarmos o máximo de visões possíveis.

O livreto. Como a materialização inicial da práxis experimental temos o livreto dividido em duas partes. A primeira parte, mais teórica, encarregou-se por convidar os moradores a conhecerem mais o bairro, e pensar sobre espaços públicos e cidadania. Essa parte continha um breve relato do surgimento dos bairros, um mapa informativo das Áreas Públicas Municipais (APM's) dos bairros, textos conscientizadores sobre espaços públicos de qualidade e alguns jogos para a fixação desse conteúdo. Já a segunda parte seria a qual extrairíamos dos moradores as expectativas, vontades e os desafios do projeto da praça-parque, para assim, podermos juntos elaborá-lo. Nesta segunda parte analisamos através de algumas atividades: Lugares que os moradores frequentam, para entendermos as dinâmicas de lazer e cotidiano do bairro, atividades que eles gostariam de realizar na futura praça e esboços de setorização dessas atividades.

Para guiar o leitor foi elaborado um personagem: a Tuca. Em um ato de abstração e imaginação, os limites geométricos dos bairros Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires se convertem em peças de montar. Como em um *tangram*, com os três triângulos que surgem dessa abstração geométrica formamos um beija-flor. Beijando de flor em flor, o beija-flor, contribui para a polinização e fecundação das plantas, prolongando a vida, gerando novas sementes. A praça-parque infantil é uma pequena semente que pretendemos fertilizar, com a união de todos os moradores, e almejamos que um dia a praça seja repleta de beija-flores.

Para a elaboração de todo esse processo que inclui a elaboração gráfica, desenvolvimento textual, conceituação dos jogos e atividades, diagramação e editoração, foram necessárias reuniões online e presenciais para que o material pudesse ter consistência e fluxo. Assim, através de uma equipe o livreto foi pensado e materializado e distribuído a estudantes de uma escola pública municipal localizada no bairro Orlando de Moraes.

A catalogação. Ao final, tivemos 157 livretos respondidos, aos quais digitalizamos, catalogamos e criamos uma planilha, para assim podermos interpretar e discutir melhor as respostas.

A interpretação. Através dessa catalogação iniciamos o processo projetual propriamente dito, guiados pelos desejos e vontades dos moradores que foram registrados pelos livretos. A partir deles, fomos capazes de entender necessidades e prioridades, para podermos compor uma praça que se adequasse ao estilo de vida e lazer dos moradores dos bairros.

#### 4.3. *Práxis reflexiva.*

A Práxis Reflexiva consistiu na leitura, codificação, reflexão e interpretação dos dados coletados das revistas preenchidas pelos moradores e moradoras dos bairros Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires na etapa da práxis experimental. Essa foi a etapa que permitiu concretizar a elaboração do anteprojeto paisagístico pela equipe com base nos livretos com produtos: esquemas, croquis, desenhos técnicos, maquete da futura praça feita com muitos detalhes e diversos materiais. Foram realizadas soluções, desenhos, plantas, imagens do projeto e maquete física.

A primeira parte da práxis reflexiva foi composta por reuniões semanais presenciais dos envolvidos no projeto Quintal nos Bairros, na Faculdade de Artes Visuais da UFG, que ocorreram nos dias 28/10, 04/11 e 11/11. As reuniões presenciais foram intercaladas com atividades individuais e grupais que cada componente realizava entre as reuniões citadas.



**Figura 3.** registros das reuniões presenciais na FAV/UFG. (fonte: elaborada pelos autores).

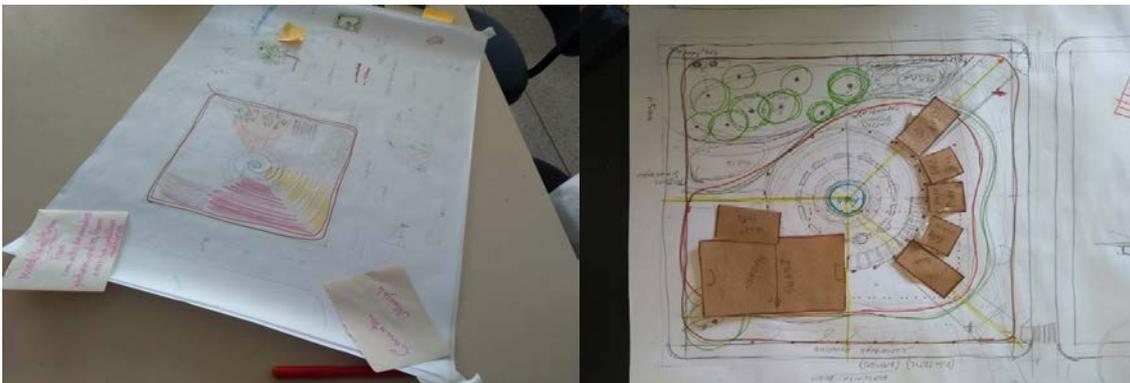
A primeira reunião (28/10) foi o momento de fazermos, de forma coletiva, uma leitura e discussão crítica das informações colhidas na aplicação do livreto Pensando a Praça com os moradores dos dois bairros. Para tal leitura, focamos na atividade que envolvia o desenho de elementos relacionados à praça que os moradores vislumbram e desejam para seu bairro “especializadas” no terreno da APM-05. A partir da leitura e discussão das atividades mais subjetivas do livreto Pensando a Praça, envolvendo, principalmente, elementos e setorização no espaço através do desenho e colagem, cruzamos com as informações mais objetivas colhidas nas ações envolvendo os jogos.

A partir de tais debates, o processo de projeção da praça foi dividido e organizado em 4 eixos: paisagismo, infraestrutura, convívio e entretenimento. Com essa divisão pudemos fazer um exercício de *brainstorming* listando possíveis elementos que poderiam compor cada grande tema e saímos da primeira reunião da Práxis Reflexiva com esse primeiro esboço do que poderia conter cada uma dessas quatro partes.



**Figura 4.** diagrama fruto de um debate sobre os quatro eixos da praça. (fonte: elaborada pelos autores).

Nas duas reuniões seguintes, ocorridas nos dias 04 e 11 de novembro, partimos para a setorização da praça, e discutimos sobre o que cada uma das partes esboçadas deveria conter, para, assim, partir para seus respectivos desenvolvimentos. Foi levado em consideração, entre outras discussões, a pré-existência de um bosque já plantado pelos moradores, as informações coletadas no livreto Pensando a Praça e a existência de uma APM destinada a uma escola, ao lado do local onde desenvolvemos o projeto. Partindo disso nasce a configuração geral de uma praça com uma grande área cívica voltada à futura escola contornada por áreas de brincar e de convívio, uma área que concentra esporte (campo de futebol e pista de skate), e uma região de horta próxima ao bosque preexistente.



**Figura 5.** esboços do planejamento das setorizações do projeto. (fonte: elaborada pelos autores).

A segunda etapa da Práxis Reflexiva se concentrou em uma imersão em projeto através do encontro da equipe em três dias consecutivos, do dia 18 a 20 de novembro, onde nos dividimos em grupos para o desenvolvimento e detalhamento de equipamentos específicos que consideramos no projeto, sendo eles: caminhos (pisos) da praça, suas formas e hierarquias: a área de brincar, onde concentraria os brinquedos infantis> a pérgola de convivência> a pista de skate> o campo de futebol> academias de praça> região para hortas com viveiro> paisagismo.



**Figura 6.** registros das reuniões presenciais para produção da maquete física na escala 1:125. (fonte: elaborada pelos autores).

Com as regiões e elementos da praça já decididos e desenvolvidos, a última etapa das atividades desenvolvidas na Práxis Reflexiva foi dividida em três grupos: modelação 3D da praça, para produção de imagens (modelação + produção de render + pós-produção das imagens); execução de planta humanizada do anteprojeto da praça; e construção de uma maquete na escala 1:125. Para tal, entre os dias 22/11 e 02/12, dividimos a equipe entre os que iriam fazer as imagens 3D, a planta humanizada e parte da equipe se encontrou, durante alguns dias, presencialmente, para montar a maquete. Todos esses elementos foram utilizados na apresentação para a devolutiva do projeto à comunidade.

O principal produto gerado dessa etapa foi o desenvolvimento do anteprojeto da praça para a AMP-05, localizada no Residencial Antônio Carlos Pires, com elementos gerados a partir da práxis experimental que conseguiu captar de forma colaborativa informações para a futura praça pensada junto aos moradores dos Residenciais OM e ACP.

#### 4.4. Práxis Insurgente.

Essa etapa do projeto participativo abrange os especialistas e os diversos atores envolvidos nas práticas cooperativas, que se engajam num processo de criatividade colaborativa. Na idealização do projeto a práxis insurgente contaria com as seguintes ações: realização de um evento local, denominado de “Café na Praça”, momento no qual os moradores serão convidados para apresentação de ideais iniciais, plantio de mudas, distribuição de materiais gráficos.

Isso, com objetivo de promover debates com diversos públicos locais, em prol do compartilhamento de ideias e aprendizados, bem como o entendimento e resolução de conflitos relacionados com o tema de espaços públicos. Além disso, estava no plano a devolutiva à comunidade local e debate e apresentação aos autores envolvidos, criando um canal de comunicação democrático, por meio de reuniões síncronas ou por gravação de vídeos.

O que foi a práxis insurgente?

Algumas etapas do plano inicial foram se alterando na maneira com que o tempo e os acontecimentos foram se sucedendo. O dia da praça se dividiu em dois momentos e se misturou em parte com a resolução da revista feita na práxis experimental, dado o fato de que inicialmente estava previsto a comunicação e interação entre as práxis propostas pelo projeto. O primeiro momento, ocorrido na quadra do setor Orlando de Moraes, no qual teve a presença da Enel, que contribuiu no engajamento da população local em participar do evento, sediando atividades como troca de lâmpadas entre outras. Além disso, nesse encontro, a resolução das revistas foram feitas pelos moradores, principalmente aqueles de terceira idade, no pátio da quadra coberta. Também houve algodão doce, pula-pula para as crianças se divertirem enquanto os adultos se dedicavam às outras atividades propostas.

Alguns pontos destaco aqui, um deles o fato de que grande parte da população idosa ser analfabeta ou analfabeta funcional e precisaram de ajuda na resolução colaborativa da revista. Outro ponto foi o grande engajamento local com esse evento, muitos moradores foram, levaram seus filhos e todos tiveram um momento de troca de saberes e conhecimentos, além de a parte jovem adulta da comunidade ter tido uma atenção especial na elaboração conjunta da revista.

A intenção da criação de um canal comunicativo com a comunidade foi concretizada, porém foi muito mediada por figuras representativas da população local, como a Célia e a Murielle, ambas gestoras da associação do bairro, Associação União e Força (AUFGO), além de outras figuras como a diretora da Escola Municipal Dalka Lelis. Isso não foi um impedimento para acontecimento de debates democráticos durante o projeto, inclusive parte dos moradores que se engajaram mais nas realizações colaborativas criam vínculos comunicativos para além do supracitado.

O dia da praça que foi denominado inicialmente de “Café na Praça”, passou a ser chamado de “Meu Quintal é minha praça” e teve sua data de acontecimentos no dia 06 de novembro de 2021, contou com a participação apoio da Rotary de Goiânia Anhanguera, NucliSolos, Associação Goiana de Empresários de Autopeças, Enel, Aneel, Adeel, PROEC, FAV e UFG. O evento contou com diversas ações e atividades conjuntas com a população local, um dia de comemorar no local da praça e as realizações colaborativas feitas que auxiliarão na produção de um projeto e futuramente uma praça.

#### 4.5. O dia do evento “meu quintal é minha praça”

O evento se iniciou na parte da manhã, especificamente às 9:00 horas, foi divulgado intensamente via Instagram do projeto (@quintanosbairros) e via aplicativo de mensagens, principalmente com ajuda da AUFGO. As atividades foram: contação histórias e desenho infantil, oficina de pipas, oficina de compostagem, oficina de fotografia, plantio de mudas, oficina de currículos e apresentação em entrevistas, além disso também houveram pula-pula, algodão doce e picolé. Importante ressaltar que, a ordem supracitada não foi a ordem cronológica das ações, pois grande parte delas ocorreu simultaneamente.

##### a) Contação de histórias e oficina de pipas:

A “contação de histórias” e desenho infantil foi uma atividade dedicada às crianças moradoras do setor. Um grande tapete foi estendido embaixo de uma grande árvore, foi colocado uma pilha de almofadas e cadeiras, a contadora de histórias cantou músicas infantis junto aos pequenos. A oficina de pipas foi uma atividade dedicada às crianças maiores, muitas delas inclusive possuíam essa vontade por conta da paixão pela brincadeira.

Também houve pintura facial, o pula-pula e as comidas anteriormente citadas, tudo isso dedicado a criação de um momento lúdico e especial no local da futura praça, a fim de gerar esse movimento de apropriação espacial dos moradores desde os pequenos até os idosos.

##### b) Oficina de compostagem :

A oficina de compostagem foi uma iniciativa de uma das colaboradoras internas do projeto, a estudante de arquitetura e urbanismo da UFG, Lara Caroline. Ela propôs essa ação após uma observação sobre a dinâmica e alto interesse dos moradores de ambos os setores pelas hortas urbanas e pela compostagem.

A oficina foi como uma roda de conversa entre moradores e técnicos sobre a compostagem com direito a demonstrações de como produzir uma composteira dentro de casa por um baixo custo, utilizando baldes e serragem. A dinâmica foi bastante produtiva a fim da conscientização local sobre a importância da compostagem e da reciclagem de materiais orgânicos. Além disso, é interessante ressaltar a troca de saberes feita no momento de debate, onde muitos moradores, especialmente os mais velhos, dividiram conhecimentos sobre plantas medicinais e cultivos.

## c) Plantio de mudas :

O plantio de mudas foi uma das atividades mais movimentadas, dado o fato supracitado sobre o alto interesse da população local com hortas urbanas e a flora do setor. Importante destacar que muitas das árvores pré-existentes foram plantadas pelos primeiros moradores dos setores. A participação colaborativa no plantio corroborou na troca de saberes sobre mudas e cuidados da vegetação. As mudas foram cedidas por diversos apoiadores, nos quais também participaram na feitura de buracos e no plantio em si.



**Imagem 7.** Dia do evento “Meu quintal é minha praça”, feito no local proposto no projeto para nova praça, localizada no setor Antônio Carlos Pires. O evento contou com diversas atividades culturais para a comunidade. A foto mostra a contadora de histórias infantis com balões e crianças. (fonte: imagem elaborada pelos autores).

#### 4.6. Práxis expressiva

A Práxis Expressiva consistiu na etapa de divulgação do projeto como um todo. Foi o eixo que acompanhou todas as demais etapas e pensou na divulgação presencial e online, bem como no material necessário para essa divulgação. Essa equipe era a ponte entre o interno e externo, era quando o que estávamos fazendo internamente, ganhava ares externos e as pessoas de fora ao projeto podiam saber o que estávamos fazendo e quando iríamos realizar.

Dentre as principais atividades da práxis expressiva, a cargo da equipe de comunicação do projeto, estão: registro fotográfico e filmagens das atividades presenciais; gerenciamento da rede social do projeto quintal nos bairros; elaboração de um roteiro para o vídeo-documentário, diagramação do livro final; criação de artes e material gráfico para divulgação online e presencial, como cartazes, banners, panfletos; criação de spot para o carro-som divulgar o evento “Meu Quintal é Minha Praça”.

Além das atividades internas inerentes a uma equipe de comunicação, a práxis expressiva também era responsável por pensar nas soluções e viabilizar as atividades presenciais, por exemplo, no dia do evento na quadra esportiva (23/10/2022), pensou-se que para que as mães e pais pudessem ter um pouco de tranquilidade para realizar as atividades das revistas, era necessário uma distração para as crianças, desse modo, alugamos pula-pula e distribuímos algodão-doce.

O maior desafio da práxis expressiva era alcançar os moradores locais, pois muitos não sabiam da existência do projeto e também não acessavam redes sociais. Desse modo, passamos a disparar imagens e vídeos informativos via WhatsApp e utilizamos carro-som no local para divulgar os eventos a serem realizados. O apoio da AUFGO nessa etapa foi essencial pois era a nossa fonte primária de diálogo com a comunidade, a qual tem muita confiança na Associação e seus membros.

Em 3 de Dezembro de 2021 foi realizada a apresentação das produções derivadas do projeto final da praça, na escola. No dia esteve presente o reitor da Universidade Federal de Goiás (UFG), Edward Madureira; do pró-reitor de Extensão e Cultura, Emiliano Godoi; do diretor da Faculdade de Artes Visuais (FAV), Bráulio Vinícius Ferreira; da Celina Manso, representando o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/GO) e da Célia Izabel, presidenta da Associação União Força. Além disso, no dia contamos com a produção de entrevistas para a produção audiovisual do projeto. A veiculação do projeto pela assessoria de imprensa do CAU/GO que escreveu uma matéria sobre o projeto foi um reconhecimento essencial da importância desse projeto colaborativo patrocinado pelo edital CAU / ATHIS. A concretização de tudo isso será divulgado por meio do vídeo-documentário do projeto, que já foi finalizado, e de um catálogo/livro sobre as etapas do projeto, a ser finalizado em janeiro de 2022.



**Imagem 8.** Imagem do projeto da praça. (fonte: imagem elaborada por Maria Luz Carvalho).

### **5. Considerações sobre o projeto “meu quintal é minha casa”**

O projeto Práticas de Assessoria Técnica Universitária: Diálogos entre Quintal e os Bairros Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires, situados na cidade de Goiânia – GO, foi contemplado com o Edital de Patrocínio de ATHIS 2021 (Edital de Chamamento Público N° 02/2021 – ATHIS (Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social), promovido pelo Conselho de Arquitetura

e Urbanismo de Goiás – CAU/GO. O Projeto visou oferecer, à comunidade desses bairros, assessoria técnica para o desenvolvimento de projeto urbano-paisagístico de uma futura praça pública, a ser situada na APM-05, localizada no bairro Antônio Carlos Pires.

A execução do projeto foi realizada pela equipe do projeto Quintal nos Bairros, bolsistas e voluntários, moradores dos bairros e outros agentes colaboradores. Este projeto, que teve por essência o processo participativo, foi constituído de cinco práxis intituladas: estratégica, experimental, insurgente, reflexiva e expressiva. Apesar de interdependente, cada etapa se conecta e se complementa, formando um todo integrado e cíclico.

Durante o processo foram realizadas reuniões virtuais e presenciais, visitas in loco ao bairro, atividades presenciais para coleta de dados, eventos relacionados as práxis, mutirão de projeto e planejamento, montagem da maquete e afins.

Essa iniciativa demonstra a união de forças dos moradores da região para enfrentamento à condição precária de habitabilidade que o bairro apresenta, que pode ser comprovada pela ausência de equipamentos urbanos nas áreas da saúde, segurança, educação e lazer. Partimos da premissa de que o projeto é um instrumento de transformação do território, que, mediado por processos de criação coletiva e colaboração técnica, demandam estratégias específicas para promover inovação social. Nesse sentido, a ação local “Quintal nos Bairros” foi mais que uma experiência colaborativa de projeto na periferia de Goiânia. Além da troca de saberes, práticas e experiências entre profissionais, estudantes e moradores dos bairros Orlando de Moraes e Antônio Carlos Pires, localizados na região Norte de Goiânia, promoveu a reflexão sobre a produção de comuns urbanos na forma de lugares compartilhados.

## 6. Referências

ARNSTEIN, Sherryl. A ladder of Citizen Participation. In: Journal of the American Institute of Planners, v. 8, n. 3, p. 216-224, 1969.

BRASIL. LEI Nº 11.888, DE 24 DE DEZEMBRO DE 2008, Assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei no 11.124, de 16 de junho de 2005.

CAIXA. Minha Casa Minha Vida – Habitação Rural. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/rural/Paginas/default.aspx> acessado em: 26/04/2019.

CARLOS, Euzeneia. Movimentos sociais e instituições participativas: Efeitos do engajamento institucional nos padrões de ação coletiva. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 30, n. 88, p. 83-98, 2015.

DEL GAUDIO, Chiara. OLIVEIRA, Alfredo Jefferson, FRANZATO, Carlo. Intersecções entre design estratégico e pesquisa-ação para promover processos participativos de reapropriação do espaço urban. In: FREIRE, Karine de Mello. (org.). Design estratégico para a inovação cultural e social. São Paulo: Kazuá, 2015.

HUYBRECHTS, Liesbeth et al. Democratic dialogues that make cities ‘work’. In: Strategic Design Research Journal, v. 9, n. 2, p. 100-111, 2016.

MANZINI, Ezio. Design when everybody designs. An introduction to design for social innovation. Cambridge: MIT Press, 2015.

MANZINI, Ezio; WALKER, Stuart; e WYLANT, Barry. Enabling Solutions for Sustainable Living: A Workshop. Calgary, Alberta: University of Calgary Press, 2008. Mollenkopf (1992)

PEREIRA, Maria Cristina Correia Lima. A arquitetura no/do livro na antiguidade tardia: a ornamentação dos primeiros códices cristãos latinos. Revista História, Universidade de São Paulo, Volume 36, e4, p. 32-69, agosto, 2017. São Paulo, SP.

REZENDE, W. Imagine a cidade: Práxis plurais e a produção de lugares compartilhados . Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 32–49, 2022. DOI: 10.5935/cadernospos.v22n1p32-49. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/imagine.cidade.cadernos.pos.au.2022.1>. Acesso em: 23 dez. 2022.

ROLNIK, Raquel. Mudanças no Minha Casa Minha Vida só agravam crise habitacional. Disponível em: <https://raquelrolnik.blogosfera.uol.com.br/> Acessado em 26/04/2019.

RONCONI, R. (2005). Canteiro experimental: uma proposta pedagógica para a formação do arquiteto e urbanista. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, (17), 142-159. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i17p142-159>.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?. In: VELHO, Gilberto [org.]. O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980, p. 37-57.

SELLONI, Daniela. MANZINI, Ezio. Policy constellations as eco-systems of design actions: Exploring three cases of social in-novation policies in Italy. In: Strategic Design Research Journal, v. 9, n. 2, p. 128-136, 2016.

SIMON, Herbert. The Sciences of the Artificial. Cambridge: MIT Press, 1982.

SURI, J.F. The experience of evolution: developments in design practice. In: The Design Journal, v. 6, n. 2, p. 39-48, 2003.